

UM PANORAMA SOBRE O ESTUDO DAS EMOÇÕES: CONVERGÊNCIAS E ESPECIFICIDADES ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO E OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO¹

*AN OVERVIEW ON THE STUDY OF EMOTIONS: CONVERGENCES AND
PARTICULARITIES BETWEEN DISCOURSE ANALYSIS AND OTHER KNOWLEDGE
FIELDS*

Maíra Avelar Miranda
PUC Minas/ Université de Genève- Bolsita CAPES/PDEE

Resumo

O estudo das emoções tem sido objeto de recentes e instigantes pesquisas em Análise do Discurso. Neste trabalho, objetivamos apresentar um panorama teórico das emoções, buscando realizar uma articulação entre a Análise do Discurso (AD) e outras áreas do conhecimento que influenciaram claramente sua formulação teórica sobre as emoções, tais como: a Retórica, a Fenomenologia e a Teoria da Enunciação. Procuraremos mostrar as regularidades existentes entre esses quatro campos teóricos, por meio da análise de uma obra representativa de cada um deles. Verificaremos, então, a influência e a confluência de outros campos do saber nas formulações teóricas feitas pela AD sobre as emoções, buscando observar como os teóricos da AD utilizam-se de teorias pertencentes tanto ao campo linguístico, quanto ao campo filosófico, a fim de criarem uma teoria discursiva que contemple a análise das emoções.

Palavras-chave: Emoções. Análise do Discurso. Retórica. Fenomenologia. Teoria da Enunciação.

Abstract

The study of the emotions has become an object of recent and enticing research in Discourse Analysis (DA). In this research, we aim to present/show a theoretical overview of emotions, trying to articulate among DA and another knowledge fields that have clearly influenced its theoretical formulation about the emotions, such as: Rhetoric, Phenomenology and Utterance Theory. We will show the regularities among these four knowledge fields through the analysis of a representative work of each one. Then, we will verify the influence and confluence of other knowledge fields in the DA theoretical formulations about the emotions, trying to observe how the DA researchers use theories that belong to the linguistic field, as well as the philosophical field, in order to create a discursive theory that takes into account the analysis of the emotions.

Keywords: Emotions. Discourse Analysis. Rhetoric. Phenomenology. Utterance Theory.

¹ Este trabalho constitui parte das investigações feitas em minha dissertação de mestrado (MIRANDA, 2009) e contou com o apoio financeiro do CNPq.

1 INTRODUÇÃO

O estudo das emoções tem interessado a diversos teóricos de diversas áreas do conhecimento. Apesar do foco de nossa pesquisa ser o estudo das emoções pelo viés da AD, optamos, num primeiro momento, por apresentar um panorama teórico das emoções, dado que isso poderia nos levar a traçar algumas generalizações relevantes sobre tal categoria e mesmo sobre a influência de outras áreas do conhecimento nas teorizações feitas pela Análise do Discurso. Procuramos, então, traçar um percurso, que vai da Retórica à AD, passando pela Fenomenologia e pela Teoria da Enunciação, pois há uma clara influência destas áreas nas formulações teóricas sobre as emoções feitas pela AD. Elegemos uma obra de um autor representativo de cada uma das áreas citadas acima e procuramos, ao final, buscar as regularidades entre as diferentes teorias abordadas.

2 AS EMOÇÕES NA RETÓRICA

Aristóteles, em sua obra *Retórica*, propõe uma teoria da argumentação persuasiva. Para Aristóteles, “a retórica parece ter, por assim dizer, a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada” (ARISTÓTELES, 2005, p. 96). Em seu esquema retórico, Aristóteles propõe a identificação de três provas de persuasão fornecidas pelo discurso: o modo de disposição do discurso (*logos*), o caráter do orador (*ethos*) e no modo de disposição dos ouvintes (*pathos*). Esta última prova interessa-nos mais de perto, pois, segundo Aristóteles “persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio”. (ARISTÓTELES, 2005, p. 97)

Outra questão importante abordada por Aristóteles diz respeito à utilização de duas categorias de argumentos retóricos: os entimemas e os exemplos, sendo que o raciocínio entimemático está diretamente relacionado às categorias de tópicos. As tópicos são os lugares-comuns em questões relacionadas a diferentes disciplinas que pertencem a diferentes campos do saber. No entanto, as conclusões derivadas de premissas são específicas a cada disciplina, sendo que a maior parte dos entimemas deriva das espécies ditas particulares e específicas. Por essa razão, Aristóteles distingue as premissas próprias a cada gênero, que ele chama de “espécies”, das premissas que são comuns a todos os gêneros, que ele chama de “lugares”.

Abordando mais a fundo a questão da persuasão, Aristóteles aventa três causas que tornam um orador persuasivo: a prudência, a virtude e a benevolência. A primeira está relacionada à virtude intelectual e à faculdade da razão. A segunda está relacionada à questão da abrangência moral que acompanha a prudência nas decisões práticas. A terceira, por sua vez, está relacionada à questão da atitude e do comportamento respeitoso do orador face aos ouvintes. Segundo Aristóteles, a partir das distinções feitas em relação às virtudes, “é possível alguém apresentar outra pessoa ou até apresentar-se a si próprio sob este ou aquele aspecto” (ARISTÓTELES, 2005 p.160), sendo que essas questões das virtudes e da apresentação de si estão relacionadas diretamente às emoções.

As emoções são definidas como “as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer” (ARISTÓTELES, 2005, p.160). A partir dessa oposição, Aristóteles propõe a análise das emoções em pares de opostos: ira e calma, amizade e inimizade, temor e confiança, vergonha e desvergonha, amabilidade e indelicadeza, piedade e indignação, inveja e emulação; salientando que é importante distinguir cada uma das emoções em três aspectos: o estado de espírito em que se encontra o indivíduo que está submetido a determinada emoção, a quem a emoção se dirige e em que circunstâncias.

Nesse sentido, é necessário que o orador tenha em mente como adaptar o seu caráter à emoção dos ouvintes, tendo em vista, segundo Aristóteles, fatores como as paixões (que correspondem às emoções divididas em pares de opostos), os hábitos (que dizem respeito a virtudes e vícios e à rotina e às preferências de cada pessoa), a idade (juventude, maturidade e velhice) e a fortuna (origem nobre, riqueza poder e seus contrários, que podemos interpretar como as nossas atuais classes sociais). Assim, ao estudar as emoções, Aristóteles demonstra como os elementos da argumentação psicológica também podem ser parte da argumentação entimemática.

Depois de abordar a questão do raciocínio entimemático, Aristóteles se dedica ao estudo das formas de argumentação lógica: o estudo das tópicos comuns a todas as espécies de retórica e das provas comuns a todos os gêneros, que, segundo Aristóteles, podem ser de dois tipos: o entimema, que inclui as máximas, e o exemplo, que é semelhante à indução e pode ser baseado em fatos anteriores ou pode ser inventado pelo próprio orador.

Em relação às tópicos, também chamadas de lugares-comuns, Aristóteles aponta para a importância de o orador servir-se delas, independentemente do gênero em que o seu discurso esteja inserido.² Segundo Aristóteles “todos os oradores devem servir-se, nos seus discursos, do possível e do impossível” (ARISTÓTELES, 2005, p.202). Além disso, há uma outra tópica comum a todos os gêneros de discurso: a da diminuição e da amplificação, sendo que “entre os lugares-comuns, a amplificação é o mais apropriado ao gênero epidídico; o passado, ao gênero judiciário; o possível e o futuro, ao gênero deliberativo”. (ARISTÓTELES, 2005, p.202)

Quanto à utilização de exemplos, Aristóteles afirma que:

Na falta de entimemas, convém usar exemplos como demonstração (a prova depende deles); quando se têm entimemas, há que usar exemplos como testemunhos, tomando-os como epílogos dos entimemas. Senão vejamos: quando os exemplos são colocados em primeiro lugar, assemelham-se a uma indução e, exceto nalguns casos, a indução não é própria da retórica; colocados em epílogos, funcionam como testemunhos e o testemunho é sempre persuasivo. Por isso, quem os coloca antes de entimemas, deve forçosamente recorrer a muitos, a quem os utiliza como epílogo basta uma, porque um testemunho honesto, mesmo que seja único, é útil. (ARISTÓTELES, 2005, p. 208)

² Os três gêneros do discurso propostos por Aristóteles são: epidídico, judiciário e deliberativo.

No tocante aos entimemas, eles podem ser de duas espécies: demonstrativos e refutativos. Os primeiros são aqueles cuja conclusão é obtida a partir de premissas com as quais se está de acordo. Já os segundos são aqueles cujas premissas conduzem a conclusões que o adversário não aceita. Ambas as espécies de entimemas apóiam-se em tópicos como as do bem e do mal, do belo e do feio, do justo e do injusto. Segundo Aristóteles,

Entre os entimemas, os refutativos gozam de mais reputação que os demonstrativos, porque o entimema refutativo consegue a junção dos contrários em curto espaço e porque as coisas aparecem mais claras ao ouvinte quando se apresentam em paralelo. De todos os silogismos refutativos e demonstrativos, os de maior aplauso são aqueles em que, sem serem superficiais, se prevê desde o princípio a conclusão (porque os ouvintes sentem-se, ao mesmo tempo, mais satisfeitos pelo fato de os terem pressentido), assim como aqueles que só são entendidos à medida que vão sendo enunciados. (ARISTÓTELES, 2005, p. 229)

Os entimemas apóiam-se em tópicos que estão classificadas em quatro grupos distintos: antecedente/consequente; causa/efeito; mais/menos; qualquer outra forma de relação. Todas estas tópicos supõem a seguinte fórmula: Se P, então Q.

Aristóteles também aborda a questão dos entimemas aparentes e da refutação. Os entimemas aparentes possuem a forma lógica de um entimema, mas, tal como ocorre no sofisma, o entimema aparente se vale de uma conclusão falsa, tirada a partir de duas premissas verdadeiras. Já no caso da refutação, ela pode ser feita de duas maneiras: por meio de um contra-silogismo ou aduzindo uma objeção. O contra-silogismo pode ser feito a partir das mesmas tópicos do silogismo, uma vez que estes derivam de opiniões comuns que, muitas vezes são contrárias umas às outras. No caso das objeções, elas são tiradas de quatro lugares: do próprio entimema, ou do seu semelhante, ou do seu contrário, ou de coisas já julgadas.

Quanto às máximas, elas correspondem a uma das premissas ou à conclusão de um entimema. Constituem em afirmações gerais que não se aplicam a aspectos particulares. Quando uma razão de apoio é expressa, as máximas podem se transformar em entimemas. As máximas podem ser de quatro tipos: as que correspondem à opinião geral e que, por essa razão são simples; e as que não correspondem à opinião geral e, por essa razão, precisam de epílogo ou prova demonstrativa suplementar; as que como epílogo são entimemas imperfeitos; e as que, juntamente com o epílogo, têm conteúdo entimemático, mas não a forma. Segundo Aristóteles, as máximas são de grande utilidade nos discursos, pois “agrada os ouvintes ouvir falar em termos gerais daquilo que eles tinham pensado entender antes em termos particulares” (ARISTÓTELES, 2005, p. 212). Dessa forma, “o orador deve conjecturar quais as coisas que os ouvintes de fato têm subentendidas e assim falar dessas coisas em geral”. (ARISTÓTELES, 2005, p. 212).

Em síntese, Aristóteles trata da questão da emoção tendo como eixo principal a argumentação entimemática. O autor formaliza duas categorias de argumentos retóricos: o entimema, como prova dedutiva e o exemplo, usado na argumentação indutiva como forma de argumentação secundária. Finalmente, o autor se vale de várias categorias de

tópicas na construção dos argumentos: tópicos especificamente relacionadas a cada gênero de discurso; tópicos geralmente aplicáveis a todos os gêneros; e tópicos que proporcionam estratégias de argumentação, igualmente comuns a todos os gêneros de discurso.

3 AS EMOÇÕES NA FENOMENOLOGIA

Em seu *Esboço para uma teoria das emoções*, Sartre propõe um estudo das emoções a partir de uma psicologia fenomenológica. Contrariamente à psicologia tradicional, que partiria da análise dos fatos para analisar o homem no mundo, a psicologia fenomenológica remontaria “mais acima que o psíquico, mais acima que a situação do homem no mundo, até a origem do homem, do mundo e do psíquico: a consciência transcendental que atingimos pela “redução fenomenológica” ou ‘colocação do mundo entre parênteses’” (SARTRE, 2006, p.20). Sartre, então, parte de uma análise essencialista do homem e do mundo, afirmando, ainda, que “o homem é um ser do mesmo tipo que o mundo”, sendo as noções de “mundo” e “realidade humana” (*Dasein*) completamente indissociáveis.

Assim, ao estudar as condições de possibilidade de uma emoção, Sartre se pergunta se a estrutura mesma da realidade humana torna as emoções possíveis e como as torna possíveis. No estudo das emoções, o teórico propõe estudá-las, não a partir da

[...] explicação das leis da emoção em estruturas gerais e essenciais da realidade humana, mas sim nos processos da própria emoção, de modo que, mais devidamente descrita e explicada, ela nunca será um fato entre outros, uma fato fechado em si que nunca permitirá compreender outra coisa senão ele, nem captar, através dele, a realidade essencial do homem. (SARTRE, 2006, p.21)

Dessa forma, cria-se uma fenomenologia da emoção que, depois de colocar o mundo entre parênteses, estudará a emoção como fenômeno transcendental puro, dirigindo-se não a fenômenos transcendentais particulares, mas buscando atingir e elucidar “a essência transcendental da emoção como tipo organizado de consciência” (SARTRE, 2006, p. 23). Segundo Sartre, se quisermos fazer da emoção um verdadeiro fenômeno de consciência, à maneira dos fenomenólogos, devemos assumir que a emoção significa à sua maneira, o todo da realidade humana (existencial), e não um efeito desta. Sendo assim, a emoção “é essa realidade humana ela própria realizando-se sob a forma ‘emoção’”. (SARTRE, 2006, p. 26)

A emoção tem sua essência, suas estruturas particulares suas leis de aparecimento, sua significação. Ela não vem de fora à realidade humana: é o homem que assume sua emoção e, por conseguinte, a emoção é uma forma organizada da existência humana. Por exemplo: numa análise fenomenológica, a alegria não é vista apenas do ponto de vista fisiológico, mas também como o sentido da alegria. E esse sentido só existe na medida em que aparece; em que é assumido pela realidade humana: a alegria só é alegria na medida em que aparece como tal. Contudo, é importante ressaltar que a psicologia fenomenológica não tem um método de investigação como o da fenomenologia pura. Esta visaria atingir a totalidade humana através do fenômeno

psíquico da emoção, enquanto aquela se limita apenas a estudar o fenômeno da emoção enquanto ele significa.

A emoção seria uma forma de apreender o mundo, pois “o sujeito emocionado e o objeto emocionante estão unidos numa síntese indissolúvel”. (SARTRE, 2006, p. 27) Sendo assim, “a consciência emocional é, primeiramente, irrefletida e, nesse plano, ela só pode ser consciência dela mesma de modo não-posicional” (SARTRE, 2006, p.25). A emoção retorna a todo instante ao objeto e dele se alimenta. Nesse sentido, Sartre afirma que as ações não precisam ser conscientes de si como agentes para agir, pois a ação como consciência espontânea irrefletida é uma camada existencial no mundo. “Em suma, uma conduta irrefletida não é uma conduta inconsciente, ela é consciente dela mesma não teticamente³, e sua maneira de ser teticamente consciente dela mesma é transcender-se e perceber-se no mundo como uma qualidade de coisas”. (SARTRE, 2006, p. 62)

Partindo dessas reflexões sobre a ação e sobre a consciência irrefletida, Sartre define a emoção como sendo “uma transformação do mundo” (SARTRE, 2006, p. 63). Ela seria um veículo pelo qual o sujeito, por meio de uma conduta irrefletida e colocado diante de uma dificuldade extrema, transforma o mundo – ou, mais precisamente, sua percepção dele. A emoção seria, então, uma substituição do modo como apreendemos o mundo diante da impossibilidade de se concretizar a potencialidade inerente a uma dada ação. Nas palavras de Sartre: “[...] a captura de um objeto sendo impossível ou engendrando uma tensão insustentável, a consciência capta-o ou tenta captá-lo de outro modo, isto é, transforma-se precisamente para transformar o objeto”. (SARTRE, 2006, p. 64)

É fundamental salientar que tal transformação não é um jogo, pois nos lançamos a essa nova atitude com toda a força de que dispomos. Por outro lado, a conduta emotiva não é uma conduta efetiva, pois não agimos sobre o objeto ou modificamos em sua estrutura, mas sim conferimos a ele uma outra qualidade. “Em suma, na emoção é o corpo que, dirigido pela consciência, muda suas relações com o mundo para que o mundo mude suas qualidades. Se a emoção é um jogo, é um jogo no qual acreditamos”. (SARTRE, 2006, p. 65) A emoção seria basicamente um fenômeno de crença que desencadeia uma reação transfiguradora diante do objeto. A conduta, por si só, não configura a emoção, pois, no caso das emoções falsas, posso assumir a conduta de uma determinada emoção, encenando-a, mas abandoná-la logo em seguida.

No caso das emoções verdadeiras, tal abandono não ocorre, pois “a emoção é sofrida. Não se pode sair dela à vontade, ela se esgota espontaneamente, mas não podemos interrompê-la” (SARTRE, 2006, p. 76) A conduta apenas desenha esquematicamente no objeto a qualidade emocional que lhe conferimos. Para que haja emoção, é necessário que haja uma perturbação do corpo que mantenha uma certa conduta. “A perturbação pode sobreviver à conduta, mas a conduta constitui a forma e a significação da perturbação. Por outro lado, sem essa perturbação a conduta seria significação pura, esquema afetivo”. (SARTRE, 2006, p. 77) Em síntese, para no potencial transfigurador da emoção, é preciso que estejamos perturbados por ela.

³ “Na terminologia fenomenológica, diz-se do que supõe a existência da consciência ou do que se afirma como ela”. Disponível em :< <http://www.dicionariodoaurelio.com/Tetico> >. Acesso em : nov/2010

Sartre salienta que, para compreendermos bem o processo emocional a partir da consciência, é preciso admitir um duplo caráter do corpo: como objeto no mundo e como a experiência vivida imediata da consciência. Nesse último caso, a consciência se transcende por essência; “ela não se conhece senão no mundo” (SARTRE, 2006, p.80), vivendo no mundo mágico no qual se lançou. A transfiguração do objeto por meio de uma transformação do olhar é a condição essencial para que haja emoção. Quando esse olhar transformado se sobrepõe ao mundo da linguagem, o homem se entrega a ele, experienciando-o de modo radical. A consciência é, então, cativa dessa transfiguração do objeto.

Em conclusão, “o que é constitutivo da emoção é que ela capta no objeto algo que o excede infinitamente” (SARTRE, 2006, p. 81). Dessa forma, se percebemos um determinado objeto pelo viés de uma determinada emoção, significa darmos, através da emoção, “uma qualidade definitiva e esmagadora do objeto”. (SARTRE, 2006, p. 82) A emoção não é apenas “o estado atual do objeto, é a ameaça quanto ao futuro, estende-se por todo o porvir e o obscurece, é revelação sobre o sentido do mundo”. (SARTRE, 2006, p. 82) Isso demonstra, mais uma vez, a catividade da consciência em relação à transfiguração do objeto por meio do olhar. Assim, toda emoção cria um mundo – triste, alegre, sombrio, etc – “no qual a relação das coisas com a consciência é sempre e exclusivamente mágica”. (SARTRE, 2006, p. 81) Em última análise, a emoção seria um modo de existência da consciência; um modo de compreender o ser no mundo (*Dasein*).

4 AS EMOÇÕES NA TEORIA DA ENUNCIÇÃO

Herman Parret, na obra *Les passions*, sinaliza a importância da utilização do conceito de enunciação como fundamental ao estudo das emoções, propondo-se a estudar o homem no discurso como um “ser de paixão”:

As questões que eu quero me colocar se ligam à constatação de que o discurso reflete a vida passional do sujeito, que este sujeito é investido de uma competência passional, que esta competência é estruturada e expressiva, e não caótica e solipsista. (PARRET, 1986, p.150)⁴

São propostas, então, duas categorias por meio das quais o sujeito coloca-se no discurso: a performativização e a figurativização.

No tocante à questão enunciativa, Parret ressalta a importância de se analisar a dimensão discursiva da enunciação como efeito de enunciado, ao invés de analisá-la por meio da dimensão pré-discursiva ou psicossocial do sujeito que enuncia. Sendo assim, a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito antes que ele enuncie, mas uma teoria da instância de enunciação e do próprio sujeito como um efeito de enunciado, sendo que esse efeito não está no enunciado, pois nem toda enunciação é enunciada. Dessa forma, é defendida a idéia de que “a enunciação é transposta a partir do enunciado, ela é a elipse que se preenche “em abismo” por paráfrase ou catálise⁵”. (PARRET, 1986, p.151)

⁴ Todas as traduções das citações em francês contidas neste artigo são feitas por nós.

⁵ Parret retoma o conceito hjermsleviano de catálise, em que um termo *in presentia* retoma outro *in*

A relação entre enunciado e enunciação é, então, análoga à relação entre um termo elíptico e um termo catalisante, sendo o enunciado o termo caracterizado e a enunciação o termo constitutivo. Além disso, Parret defende a idéia da pragmática integrada (ou maximalista) de que “a enunciação está em todo lugar onde há significação”. (p.153) Assim, “a enunciação não está no enunciado por meio de marcadores, mas existe como condição de possibilidade e, portanto, como resultado de uma reconstrução transpositiva”. (PARRET, 1986, pp.153,154)

No âmbito da perspectiva enunciativa delineada por Parret, a performativização e a figurativização são dois procedimentos de discursivização das paixões. A performativização se realiza como força⁶ emotiva. Para Parret, é a força emotiva que confere dinamismo a todo ato de fala e, mais genericamente, a todo fenômeno enunciativo.

Em termos mais técnicos, nós deveríamos dizer que a força emotiva contribui para o potencial do ato de linguagem, seja ele ilocucionário ou perlocucionário, ou que a presença da força emotiva F, modificando totalmente, como um operador, os conteúdos de forma radical e dá ao enunciado a possibilidade de ser utilizado como expressão dos estados psicológicos, ainda que a força emotiva ou a força performativizante seja logicamente independente de todos os conteúdos a se exprimir. (PARRET, 1986, p.159)

Na visão tradicional da Teoria dos Atos de Fala (TAF), os atos expressivos, diferenciam-se dos demais por possuírem, primeiramente, uma direção nula de ajustamento⁷. Isso significa que, do ponto de vista enunciativo, os expressivos estão centrados basicamente no locutor e em sua relação, ou com o alocutário, ou com o estado de coisas. Segundo Mari (2008a), o fato dos expressivos representarem um estado psicológico do locutor ou uma atitude proposicional deste frente a um estado de coisas não bastaria para definir esses atos, uma vez que ambos os parâmetros não são exclusivos dos atos expressivos.

Os efeitos perlocucionais, por sua vez, dizem respeito à dimensão intencional de um ato de fala. Assim, enquanto a locução está relacionada às convenções de ordem linguística e a ilocução às de ordem social, a perlocução relaciona-se a uma dimensão intencional. Assim:

Os atos perlocucionais representam efeitos de sentido que dizem respeito à instância das intenções com que um determinado ato é produzido e/ou interpretado. Nessa perspectiva, tais atos parecem catalisar de forma privilegiada a força emotiva mobilizada pela enunciação. Muitos efeitos perlocucionais que ‘inferimos’ intuitivamente nas diversas práticas discursivas das quais participamos apresentam uma feição patêmica, a exemplo dos atos de ofender,

absentia.

⁶ O termo tem o sentido que Austin (1962) atribui a ele na Teoria dos Atos de Fala.

⁷ As direções de ajustamento são as orientações possíveis entre linguagem e ação. Podem ser de quatro tipos: mundo-palavra, palavra-mundo, dupla ou nula. Para mais detalhes, ver MARI (2001, pp. 110-117).

provocar, humilhar, intimidar, seduzir, comover, etc. (MARI; MENDES, 2007, p.159)

Podemos perceber que, ao contrário do que é proposto na Teoria dos Atos de Fala (TAF), para Parret, a expressão das emoções não se restringe apenas ao ato expressivo ou aos efeitos perlocucionais: o autor adota uma concepção maximalista da análise das emoções nos atos de fala, pois a emoção não é vista apenas como um estado psicológico do enunciador, funcionando como um operador que modifica qualquer conteúdo expresso, mesmo no caso de asserções ou de declarações. No entanto, há certos tipos de discursos e certos atos de fala que têm uma força emotiva mais forte que outros. Por exemplo, o ato de jurar tem uma força emotiva maior do que o ato de prometer, pois jurar é “prometer com paixão” (PARRET, 1986, p.159).

Parret ressalta que a força emotiva mantém estreita relação com as condições preparatórias, mais especificamente com a autoridade do locutor: sugerir está numa escala passional menor que ordenar e tal escala está relacionada não só às condições psicológicas, mas também às condições sociológicas (a saber, a relação hierárquica entre os interlocutores). Por fim, o teórico afirma que “a força emotiva não existe isoladamente e anteriormente ao enunciado: ela é uma enunciação parcialmente enunciada, ou um efeito de enunciado como operação de força”. (PARRET, 1986, p.160) Assim, a concepção de emoção enquanto fenômeno pré-existente ao discurso e traduzido por ele é evitada, em favor de uma concepção enunciativa da performativização enquanto um mecanismo de expressão das emoções.

No caso da figurativização, ela funciona como um procedimento de “presentificação de seqüências do mundo natural”. (PARRET, 1986, p. 163) por meio de imagens. A figurativização constitui, assim, um procedimento de semantização de seqüências sintáticas.

O exemplo prototípico [de tal procedimento], em gramática narrativa, é a narração, que funciona essencialmente como uma estrutura sintática: um sujeito em busca de um objeto, com as diversas operações possíveis: operações de conjunção e disjunção no curso do programa narrativo. Desde o momento em que os termos sintáticos (sujeito, objeto de valor, relação de busca) são objeto de um investimento semântico, há figurativização. (PARRET, 1986, p. 163)

No caso do percurso narrativo, há toda uma ancoragem espaço-temporal dos atores, sendo que, a partir de tal ancoragem, um mundo possível figurativo é projetado em relação ao mundo real. Dessa forma, “discursivizar é investir semanticamente e, portanto, figurativizar. A força de discorrer é uma força figurativa”. (PARRET, 1986, p.164). Assim, segundo Parret, essa transformação de uma sintaxe abstrata num universo semantizado de atores ancorado no tempo e no espaço cria imagens do mundo que são as figuras, sendo que a associação de figuras é própria de cada universo cultural, cabendo à Semiótica analisar esse percurso de associações figurativas no discurso.

Em resumo, a força figurativa, assim como a força emotiva, manifesta a subjetividade do “homem de paixões” no seu discurso, sendo que ambas as forças estão delineadas no âmbito de uma perspectiva enunciativa em que a enunciação é vista como um efeito do

enunciado e reconstruída por uma transposição de sentido em que se dá o preenchimento de um espaço elíptico por uma operação de paráfrase/catálise. A performativização e a figurativização “devem, então, ser consideradas como os efeitos essenciais da subjetividade passional na linguagem, da presença do homem no seu discurso”. (PARRET, 1986, p.164)

5 AS EMOÇÕES NA ANÁLISE DO DISCURSO

No texto “Une problematisation discursive de l’émotion: a propos des effets de pathémisation dans la télévision”, Charaudeau propõe, num primeiro momento, quais são as condições para um estudo das emoções do ponto de vista discursivo. Segundo o teórico, o ponto de vista da Análise do Discurso se distingue do ponto de vista de uma psicologia das emoções e também do ponto de vista de uma sociologia das emoções, pois “o objeto de estudo da AD não pode ser aquilo que sentem efetivamente os indivíduos [...], nem aquilo que os motiva a experimentar ou a agir [...], nem tampouco as normas gerais que regulam as relações sociais [...]” (CHARAUDEAU, 2000, p.127). A AD tem como objeto de estudo a linguagem. Assim, as emoções são vistas “como signo daquilo que pode advir do sujeito, do fato que ele mesmo estará em condições de reconhecê-las como uma ‘figura’, como um discurso socialmente codificado [...] que o permitirão dizer ‘É assim, o medo’ ou simplesmente ‘Eu tenho medo’” (CHARAUDEAU, 2000, p.127).

Segundo Charaudeau, há três condições essenciais para um tratamento discursivo das emoções: que elas são de ordem intencional, que estão ligadas a saberes de crença e que se inscrevem numa problemática de uma representação psicossocial. No tocante à intencionalidade, assim como ocorre na Fenomenologia, as emoções são vistas pela AD como sendo ligadas à racionalidade, não devendo ser confundidas com a simples sensação decorrente de uma emoção. Entretanto, a razão não é vista como sendo oposta às paixões, tal como ocorria na tradição cartesiana, pois o sujeito aparece como fundamento do pensamento. Portanto, a racionalidade está ligada primordialmente às crenças. “Assim, pode-se dizer que as emoções se inscrevem num tal quadro de racionalidade pelo fato de que elas contêm em si mesmas uma orientação para um objeto de que elas tiram a sua propriedade de intencionalidade” (CHARAUDEAU, 2000, p.130).

Além dessa orientação para um objeto, as emoções também se ligam às crenças pelo fato de serem uma interpretação das circunstâncias que se apóia num julgamento de ordem moral apoiado, por sua vez, nas crenças partilhadas por um grupo social. Assim, as emoções possuem uma dimensão axiológica muito marcada. Em resumo,

As crenças são constituídas por um saber polarizado em torno de valores socialmente partilhados; o sujeito mobiliza uma, ou muitas, redes inferenciais propostas pelos universos de crença disponíveis na situação em que ele se encontra, o que é suscetível de desencadear nele um estado emocional; o desencadeamento do estado emocional (ou sua ausência) o confronta com uma sanção social que resultará em julgamentos diversos de ordem psicológica ou moral. (CHARAUDEAU, 2000, p.131, 132)

A questão dos valores socialmente partilhados também está relacionada à questão da problemática da representação psicossocial, pois uma representação pode ser dita patêmica, quando ela descreve uma situação que desencadeia um julgamento de valor coletivamente partilhado que engaja o sujeito da representação “num comportamento reacional de acordo com as normas sociais às quais ele está ligado, que ele interiorizou ou que permanecem nas suas representações” (CHARAUDEAU, 2000, p.133).

As representações, então, se constroem discursivamente por enunciados que circulam na sociedade e que contribuem para a construção de um saber comum, particularmente, um saber de crença, o qual podemos qualificar, assim, como sócio-discursivo.

Segundo Charaudeau,

[A]s representações sócio-discursivas são como os pequenos relatos que descrevem os seres e as cenas da vida, os fragmentos narrados do mundo [...] que revelam sempre o ponto de vista de um sujeito. Estes enunciados que circulam na comunidade social criam uma vasta rede de intertextualidades que se agrupam, constituindo o que chamo de “imaginários sócio-discursivos”. Eles são sintomas desses universos de crenças partilhadas que contribuem para construir ao mesmo tempo um seu social e um meu individual (por exemplo, o imaginário do erro, do pecado, do poder). (CHARAUDEAU, 2000:134)

No caso do universo patêmico, os imaginários sócio-discursivos agrupam-se em tópicas, tal como ocorre na Retórica aristotélica. Mas, ao contrário da retórica, que propõe a análise das tópicas como sendo universais, a AD as analisa a partir de três aspectos básicos: a situação de comunicação, o universo de saberes partilhados e as estratégias enunciativas, sendo que os três aspectos estão relacionados a uma construção discursiva das emoções como uma execução de efeitos intencionais visados, dependendo das inferências que os parceiros do ato de comunicação podem produzir, sendo que estas inferências dependem do conhecimento que os parceiros têm da situação de comunicação e, mais ainda, da vivência cultural, que ativa diferentes redes inferenciais relacionadas a diferentes universos de crença.

Quanto à questão dos efeitos visados, é importante salientar que “não há uma relação de causa e efeito direto entre exprimir ou descrever uma emoção e provocar um estado emocional no outro” (CHARAUDEAU, 2000, p.137). Isso significa que, para a AD, a emoção só pode ser estudada enquanto efeito visado, não enquanto efeito produzido⁸. Assim, a questão das emoções é tratada discursivamente em termos de um efeito, que Charaudeau nomeará como efeito de patemização. O teórico postula três tipos de condição para a criação dos efeitos patêmicos, que reproduzimos abaixo:

1. O discurso produzido deve se inscrever num dispositivo de comunicação cujos componentes – a finalidade e os lugares que são atribuídos aos parceiros da comunicação – predisponham ao surgimento de efeitos

⁸ Contudo, é importante salientar que estudos recentes no campo da recepção vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores como Claude Chabrol que, por meio do instrumental da Psicologia Experimental e da Psicologia Cognitiva, vem fazendo experimentos relacionados aos efeitos produzidos no receptor.

patêmicos. No caso do discurso midiático, isso ocorre quando a finalidade dominante é a de captação e quando os parceiros são implicados nos saberes de crença.

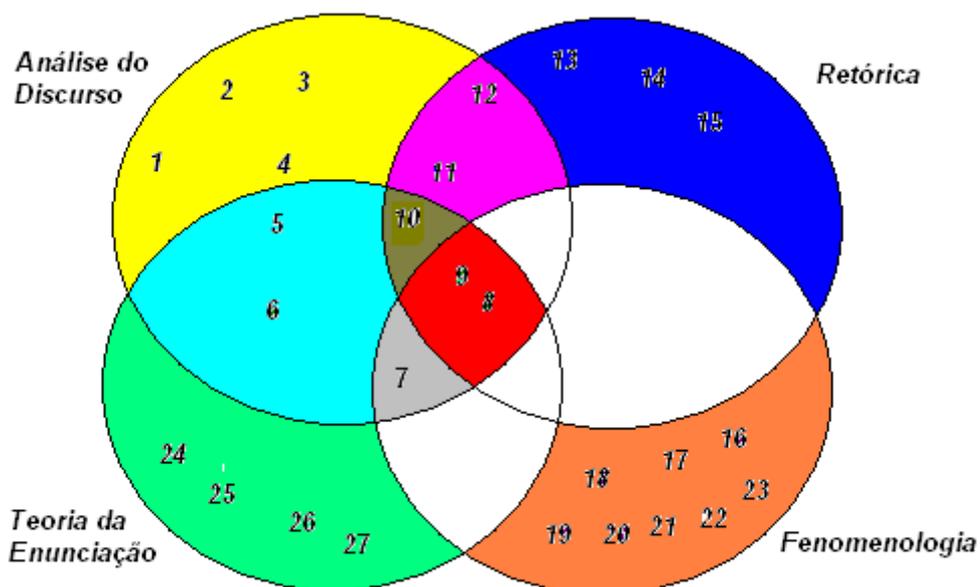
2. O campo temático sobre o qual se apóia o dispositivo comunicativo deve prever a existência de um universo de patemização e propor uma certa organização das tópicas (imaginários sócio-discursivos) susceptíveis de produzir um efeito patêmico. No caso dos discursos midiáticos cujo objetivo é o de captação, estas tópicos costumam ser: a dor e a alegria; a angústia e a esperança; a antipatia e a simpatia; a atração e a repulsa.
3. No espaço de estratégia, resultante das restrições do dispositivo de comunicação, a instância de enunciação deve fazer o trabalho de encenação discursiva com o objetivo de patemização. Essa patemização do discurso é resultante de um jogo de restrições e liberdades enunciativas: são estabelecidas condições de inscrição de objetivos patêmicos de acordo com o tipo de troca estabelecida entre os parceiros da comunicação.

No âmbito da configuração linguística, o efeito patêmico pode ser obtido pelo uso de enunciados que visam produzir tal efeito: pela descrição ou pela manifestação do estado emocional em que o locutor supostamente se encontra (“Eu estou com medo”); pela descrição do estado emocional no qual o outro supostamente deveria se encontrar (“Seja compassivo!”); por uma descrição patêmica de uma cena capaz de produzir no destinatário uma determinada emoção (“O louco está com raiva”).

Em resumo, para Charadeau, as emoções são analisadas discursivamente em termos de efeitos de patemização, que só podem ser analisados como efeitos visados e resultantes da atividade inferencial dos parceiros de comunicação. Tal atividade está diretamente relacionada aos universos de crenças partilhadas por um grupo social. Essas crenças, por seu turno, servem de apoio a julgamentos de ordem moral. Temos, assim, representações sócio-discursivas que constroem saberes de crença, apoiados em certas tópicas. Então, para que o universo patêmico seja construído discursivamente (especialmente no âmbito midiático), é necessário que os parceiros da comunicação estejam implicados em saberes de crença; que haja uma organização das tópicas patêmicas e que haja uma encenação discursiva com vistas a produzir o efeito patêmico. A noção de *pathos*, portanto, “é utilizada para assinalar discursivizações que funcionam sobre efeitos emocionais com fins estratégicos” (CHARAUDEAU, 2004, p.372).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tal como exposto na introdução do artigo, buscaremos agora delinear as regularidades entre as teorias abordadas. Na figura abaixo, temos o resumo dos aspectos gerais abordados por cada teoria e os possíveis pontos de interseção entre eles:



ESQUEMA 1: Interseções entre a AD e as teorias abordadas

Legenda	
1. valores socialmente partilhados	17. tipo organizado de consciência
2. efeito de patemização	18. o todo da realidade humana (existencial)
3. execução de efeitos intencionais visados	19. conduta irrefletida
4. situação de comunicação	20. transformação da percepção do mundo pelo sujeito
5. estratégias enunciativas	21. transfiguração do objeto + perturbação do corpo
6. não obrigatoriedade de ser expressa no enunciado	22. modo de existência da consciência
7. tem a sua própria significação lógica	23. modo de compreender o ser no mundo
8. direcionada a um objeto/auditório	24. enunciação
9. relacionada às crenças	25. performativização (força emotiva)
10. análise das condições psicossociais	26. figurativização
11. envolvimento de juízos de valor	27. transposta no discurso como efeito de enunciado
12. análise em pares de opostos	
13. tópicos/lugares-comuns	
14. entimema	

Primeiramente, é importante ressaltar que o paradigma para os termos teóricos usados na figura provém da AD, já que o nosso objetivo é, em última instância, ver a influência e a confluência de outros campos do saber com o campo da AD. Passemos, então, à análise das interseções. Podemos perceber que, do ponto de vista de todos os campos teóricos estudados, há uma questão da direcionalidade das emoções a um certo objeto e/ou auditório e a relação das emoções com as crenças.

Na interseção entre AD, Retórica e Teoria da Enunciação, temos a questão da análise das condições psicossociais. Como foi dito, esse é um termo próprio da AD. O que chamamos de condições psicossociais nos outros dois campos decorre de uma interpretação do que entendemos como condições psicossociais na AD. No caso da Retórica, entendemos o termo citado como o que Aristóteles chama de hábitos, idade e fortuna. Já no caso da Teoria da Enunciação, apesar de Parret afirmar que o sujeito é um efeito do enunciado, ao abordar a Teoria dos Atos de Fala, o teórico usa termos como condições preparatórias e autoridade do locutor que, a nosso ver, remetem à análise das condições psicossociais.

Já na interseção entre AD, Fenomenologia e Teoria da Enunciação, as emoções são vistas como tendo sua própria significação lógica. É evitada uma dicotomização entre razão e emoção, pois as emoções, para os três campos teóricos em questão, possuem uma lógica de organização e leis próprias de aparecimento, não sendo circunscritas apenas a reações fisiológicas caóticas. Por fim, na interseção entre AD e Retórica, temos a questão da organização das emoções em pares de opostos (tópicas), sendo que, tal como foi ressaltado na seção 4, na Retórica, as tópicos são universais, enquanto na AD, as tópicos circunscrevem-se a uma dada situação de comunicação e às estratégias enunciativas decorrentes desta. A interseção entre AD e a Teoria de Enunciação, por sua vez, revela aspectos concernentes, sobretudo, ao universo linguístico-discursivo, pois diz respeito à não-obrigatoriedade de expressão das emoções no enunciado e às estratégias enunciativas, sendo que, no caso da AD, tais estratégias estão sempre atreladas à situação de comunicação, enquanto na Teoria da Enunciação, essas estratégias decorrem da transposição da enunciação no enunciado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, as considerações feitas pelos teóricos da AD, tal como havíamos afirmado na introdução, remetem a considerações feitas em outros campos do saber. No entanto, a junção dos campos do saber não ocorre de forma fragmentada e aleatória: ela ocorre de forma coerente e tendo sempre em vista os pressupostos teóricos e terminológicos específicos do campo da Análise do Discurso. Sendo assim, os teóricos da AD, de maneira antropofágica, utilizam-se de teorias pertencentes, tanto ao campo linguístico, quanto ao campo filosófico, a fim de criarem uma teoria discursiva que contemple a análise das emoções. Portanto, tal como ocorre também com os outros campos do saber, a AD tem as suas especificidade, não apenas terminológicas, como também teóricas, ao se propor a investigar o campo das emoções.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Edições Casa da Moeda, 2005.

CHARAUDEAU, P. Pathos. In: CHARAUDEAU, P., MANGUENEAU, D. (Orgs.) **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Une problématisation discursive de l'émotion: a propos des effets de pathémisation dans la télévision. In: PLANTIN, C., DOURY, M., TRAVERSO, V.

(Orgs.) **Les émotions dans les interactions**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000.

PARRET. H. **Les passions**. Paris: Pierre Madarga Éditions, 1986.

SARTRE, J-P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2005.